

Editorial



Só podemos viver juntos, isto é, combinar a unidade de uma sociedade com a diversidade das personalidades e das culturas, se colocarmos a ideia de sujeito pessoal no centro de nossa reflexão e de nossa ação. Alain Touraine¹

Com esta epígrafe iniciamos o Editorial do segundo número da *Revista Longeviver*, considerando que viver na diversidade é um princípio básico para todo grupo humano. Somos iguais como humanos, e diferentes em todo o resto. As reflexões sobre vida em sociedade – viver juntos - e a diversidade a ela inerente, se ligam também a um tema que nos é caro – a solidariedade.

Aqui não colocamos marcas etárias, porque são irrelevantes ante esses princípios fundantes. Todos iguais / diferentes o tempo todo! Tempo de vida! Vivemos hoje um momento de especial intolerância, observado em quase todos os países em diferentes níveis – desde pequenos fatos cotidianos, até problemas graves em nível nacional e internacional, colocando em risco a estabilidade e segurança de pessoas e povos.

Ao lermos os artigos enviados para publicação, e que agora compartilhamos com nossos leitores, ficamos menos ‘desesperançados’! Neles, podemos observar pequenos pontos de luz por meio das ações descritas e das reflexões generosas sobre a longeVIDA. A ação comprometida e solidária de cada indivíduo é fundamental, nesta perspectiva.

¹ Ver Touraine, A. Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

No contexto de uma sociedade de extrema desigualdade como a nossa – lembrando que ela permeia o tecido social mesmo em países desenvolvidos – as políticas de assistência social ao indivíduo idoso são de grande relevância, mas, como sabemos, nem sempre bem executadas. As leis e dispositivos trazem nas palavras uma quase ‘certeza’ de sucesso, mas o cotidiano, tanto no atendimento quanto na participação da população interessada, não se concretiza como esperado.

Em *As fragilidades do idoso e o limite de atendimento na Política de Assistência Social no Município de São Paulo* são indicados os diferentes sistemas de apoio, mas a autora ressalta a importância do comprometimento profissional no campo de trabalho:

O vínculo, a paciência e o respeito ao idoso são peças-chaves do profissional que o visita e acompanha, a fim de que seja ele o protagonista de suas decisões e não somente os familiares, exceto os casos em que o idoso apresenta diagnóstico médico com cognitivo comprometido e não responda mais por si.

Em perspectiva complementar o artigo *Dilemas de Gestão Pública da Saúde - há participação efetiva da população idosa na construção das políticas públicas voltada ao envelhecimento?* aponta a ainda frágil participação do segmento idoso “apesar do tema de participação social da pessoa idosa estar inserido no discurso e na prática de diversos movimentos sociais”. Afirma ainda que “apesar dos avanços, temos que considerar que a luta por novos espaços democráticos e de fortalecimento se faz necessário, com vista a legitimar a participação real do idoso na direção da efetivação das políticas públicas”.

Assim, constatamos que para vivermos juntos a complexidade inerente a esta etapa da vida só as leis e dispositivos legais não bastam. É imperativo o incentivo à participação de todos e, de modo especial, dos idosos nos fóruns, coletivos e outros espaços, na luta pela efetivação destes direitos, bem como o compromisso dos profissionais no atendimento, o que pressupõe formação continuada. Mas, para além de conhecimentos teóricos e técnicos, deve-se destacar a importância da sensibilização do profissional para o envolvimento na ação no campo de trabalho. Devemos, assim, incentivar as possibilidades de encontro eu-outro – profissional e idoso - pouco valorizado e praticado hoje, em diferentes áreas do conhecimento e da ação.

Outro interessante e atual artigo, que envolve igualmente os idosos e os profissionais das áreas da saúde, aponta como o crescimento desta população, dos avanços nas áreas científicas e dos meios de comunicação impacta a percepção do que seja saúde e doença. Assim, os autores do artigo *Fake News e Saúde da Pessoa Idosa*, afirmam que “o uso da internet como fonte de pesquisa sobre adoecimento é tão difundido e significativo [que] está afetando a experiência de adoecer”.

As informações devem esclarecer, mas muitas trazem notícias não verdadeiras – as *fake news* – o que pode prejudicar a real interpretação do diagnóstico

médico, bem como o relativo ao uso de determinadas medicações. Informam os autores que, diante deste fato, o Ministério da Saúde criou um canal no *WhatsApp* que permite aos usuários reenviar as mensagens recebidas, gratuitamente, para verificar se a mensagem é verdadeira ou não.

O artigo *O Corpo Fisiogerontológico* avança nas reflexões sobre o binômio dor e velhice, e os estereótipos ligados ao envelhecimento, na perspectiva do fisioterapeuta que “ao ouvir as necessidades do paciente, pode sugerir propostas terapêuticas que ajudem na funcionalidade do corpo que envelhece, criando condições para melhorar seu desempenho, além da busca por qualidade de vida”. Ainda segundo o autor “o bom profissional será aquele que souber escutar e compreender o paciente em sofrimento, oferecendo atenção e cuidados em forma de afeto – amor, respeito, solidariedade, apoio e atenção”. Uma leitura esclarecedora que recomendamos!

Em *Trauma de face no idoso associado à violência urbana – relato de caso*, são abordados os desafios que surgem no atendimento hospitalar na área traumatológica em odontogeriatria, a partir de um relato de caso. Os autores destacam a complexidade do atendimento, com consequências físicas e psicológicas, e a importância da formação dos profissionais, não só em suas áreas específicas, mas, especialmente, em gerontologia, pois o aumento da população idosa e seu livre trânsito em diferentes espaços é uma realidade, o que as deixa expostas a diferentes tipos de violência.

Aos artigos seguem-se dois relatos de experiência: em *Encontros: a fala, a escuta e o fazer alterando o cotidiano de idosos institucionalizados*, as autoras apresentam interessante projeto de intervenção de estágio em Psicologia, em uma instituição asilar “com o objetivo de contribuir na melhora da qualidade de vida dos moradores [...] com atendimentos que dessem oportunidades de fala e de escuta a esses idosos”.

Os resultados foram considerados promissores para os idosos, mas deixou na estagiária “o sentimento de frustração e impotência por não conseguir implantar mudanças que pudessem ser permanentes ou pelo menos contínuas”, o que nos alerta para as deficiências, em diferentes áreas, deste ‘modo de morar’ na velhice, e os compromissos de solidariedade nesta área, que ainda recebe pouca atenção, seja das políticas públicas, como do conjunto da sociedade que (se) afasta aquilo que não quer ver.

Uma experiência interessante e exitosa é apresentada em *Sapateado para Terceira Idade: um desafio possível*, no qual a professora e coreógrafa indica a potência dos ‘corpos envelhecidos’ que se aventuram, e ousam, em uma área aparentemente ‘interdita’ a eles – o sapateado.

O que nos faz indagar – quem interdita o quê? - reflexão que nos fazemos e deixamos aos nossos leitores.

A pesquisa *Proposta de Educação Continuada - as áreas de conhecimento e o interesse dos idosos* - foi realizada como parte de um programa de extensão, no qual os idosos tiveram espaço para expressar seus interesses e

protagonizar o processo de seleção de temáticas a serem sugeridas à implantação de uma Universidade Aberta. Este princípio deveria reger todas as atividades propostas para essa faixa etária o que, infelizmente, não é a regra. A manutenção ainda prevalece em detrimento da inovação, criatividade, e experimentação. Vale aqui um alerta aos profissionais que ainda afirmam 'eles (sic) gostam de qualquer coisa', às vezes acrescidos de 'só querem passar o tempo'. Onde está o respeito à dignidade e à diversidade?

Duas reflexões *Envelhecer - uma etapa da vida. Um lugar confortável para se ocupar e O trabalho da Pastoral da Pessoa Idosa (PPI) da Arquidiocese de São Paulo e o papel da família*, abordam questões diferentes, mas inter-relacionadas. Na primeira, as relativas aos estereótipos sobre o envelhecer, expostas, entre outras, nas diferentes denominações do 'ser velho', que nada dizem sobre o 'viver', trazendo o perfil de 3 idosas e os 'discursos' ocultos nas narrativas; a segunda reflete sobre a importância do apoio oferecido aos idosos e suas famílias pela Pastoral do Idoso.

Nas duas reflexões surgem questões: Como se relata a velhice do outro? O que é bom, saudável, interessante para cada indivíduo? O que deve ser priorizado nos trabalhos junto a esta faixa etária e suas famílias: Participação? Acolhida? Diálogo? Mediação? Ou???

E nós o que queremos/desejamos/sonhamos - jovens, maduros, velhos?

Encerramos esta edição com o *Dossiê - relatos autobiográficos* com dois diferentes modos de 'falar de si'. Em *Um passado conhecido versus um presente ainda não concluído*, o narrador em estilo informal, mas muito pessoal e interessante, nos conta a trajetória na busca de seu sonho. Outro - *Vozes do Passado – Desvelamento, Reconfiguração, Empoderamento* - em escrita mais formal, traz uma reflexão sobre um processo de busca de sentido, no desvelamento da saga familiar, ainda a concluir.

Poderemos viver juntos?

Desejamos aos nossos leitores boa leitura e férteis reflexões!

Beltrina Côrte e Vera Brandão
Editoras